

# Revista Filosófica de Coimbra

vol.13 | n.º25 | 2004

Miguel Baptista Pereira  
Amândio Coxito  
Alexandre Sá  
Pedro M. Gonçalo Parcerias  
Anne Schippling  
José Reis

Miguel Real, *Eduardo Lourenço – Os Anos de Formação*, INCM, Lisboa, 2003.

—, *O Essencial sobre Eduardo Lourenço*, INCM, Lisboa, 2003.

1. É sempre complicado escrever sobre pessoas que conhecemos e estimamos, ou melhor, sobre a sua obra. Situações de «proximidade crítica», para citar Boaventura Sousa Santos em *Pela Mão de Alice*, estas referências entusiásticas e reticentes sobre *Eduardo Lourenço – os Anos da Formação (1945-1958)* de Miguel Real não deixam por isso de ser natural continuação de um diálogo desde o início crítico, iniciado com a leitura de *Portugal – Ser e Representação* (Difel, 1998). «Diálogo» não é aqui palavra descabida e nele Eduardo Lourenço tem sido personagem central. Não como um ponto de equilíbrio comum sobre aspectos centrais da importância cultural de Eduardo Lourenço, que alcançámos num texto coassinado para um colóquio sobre Sérgio (Universidade Católica do Porto, 2003, a publicar pela INCM nas Actas do encontro), este livro, originalmente tese de mestrado do autor, define uma posição própria sobre Eduardo Lourenço que Miguel Real tem construído nos últimos anos e em que, neste momento, ainda trabalha. Aspectos parciais dessa imagem são já conhecidos: além do que se lê em *Portugal – Ser e Representação*, também é regular a sua intervenção no *Jornal de Letras* e em publicações académicas (cf., p. ex., *Meta-crítica*, nº2, sobre a questão política em Lourenço, e a actualização online da mesma revista em Junho, cf. [www.ulusofona.pt](http://www.ulusofona.pt), com uma visão de conjunto da sua Obra). Com este livro sobre os anos de formação de E. Lourenço é o horizonte de compreensão da leitura de Miguel Real que nos é dado.

2. Ao contrário do que é hábito, dada a cooptação de Eduardo Lourenço pelos Estudos Literários portugueses desde a década de 1960, não é como crítico e teórico da nossa Literatura que o agora octogenário autor de *Heterodoxia* é analisado, pelo menos em primeira instância. Ainda que reconhecendo a iniciação nas Letras de Lourenço por via da sua actividade como crítico literário, Miguel Real enfatiza como a originalidade dessa intervenção – dita heterodoxa e simbolizada por Migdar – provém da sua fundamentação filosófica. E não do mesmo modo como tal se poderia afirmar de um Adolfo Casais Monteiro, também ele formado em Filosofia para dela partir, pois aqui trata-se de uma fundamentação em plena acepção formativa: é a relação de Eduardo Lourenço com a História da Filosofia que o conduz à centralidade da Literatura na cultura portuguesa. De novo, não pela via de uma alegada natureza não-filosófica nacional, mas pela via da análise cultural que viu o diálogo que nos faltava, diálogo com a Europa, e que percebeu nessa nossa singularidade há quatro séculos crepuscular um entorse decisivo na nossa *forma mentis* (para usar um termo do livro de 1998 de Miguel Real). Desse diálogo em falta discutido em *Heterodoxia I* e repensado logo em 1951 em páginas de *Unicórnio*, como

Miguel Real cuidadosamente analisa e contextualiza com um acervo de outros textos (entre os quais os da *Revista Filosófica de Coimbra* mais tarde incluídos em *Heterodoxia II*), surgiu a vinculação da Literatura contemporânea (*maxime*, Modernismo) à Filosofia existencialista. Não foi coincidência, antes a mesma função expressiva, em meados do século XX, da morte de Deus e do declínio da forma mais duradoura de Tradição (a religiosa) sob a influência da Modernidade.

Justamente a imagem da Modernidade no pensamento do jovem Eduardo Lourenço (e do actual, a meu ver) é não só a fonte da sua bem-aventurança junto dos Estudos Literários como do seu alheamento da Filosofia. Como é sensato, a modernidade não é pensada como um processo homogêneo e coerente, mas como contraditório e incerto (e diga-se que desde o Positivismo assim se é vista – e mesmo o Positivismo não deve ser reduzido às suas leis estáticas). Mas a sua percepção como fatalidade, como destino e não como condição (a associação do moderno ao trágico Antigo, como se a Liberdade de Antigos e Modernos fosse a mesma é disso sinal), e a linguagem sempre religiosa com que Lourenço pensa as suas imagens de cultura muito antes até de falar em «imagologia», redundam num discurso funcionalmente mais próximo de uma teologia (negativa, talvez acrescentasse o autor da tese da *Presença* como contra-revolução) do que de uma Filosofia. Ora é esta sensibilidade, esta estética de tipo místico que dá como análise aquilo que são sugestões, que ressalta como mais problemático no estudo do seu pensamento (e não só do da juventude, veja-se a gradual remoção da sociologia das suas referências, usual ainda na década de 1960). Mesmo se essa estética foi a chave de um sucesso intelectual único em Portugal.

3. Neste ponto, como é evidente, estamos já a falar da Obra de Eduardo Lourenço e não da sua análise por Miguel Real. Uma virtude de *Os Anos de Formação* é a capacidade com que Miguel Real esclarece cada texto em concreto e as relações entre todos eles. Como não quero criticar o que o livro não é (uma crítica a Eduardo Lourenço) mas sim o que o livro é (como pretende, uma exposição da formação intelectual de E. Lourenço), cinjo-me ao que é comprovável no texto: esta é a primeira, e provavelmente a derradeira por muito tempo, análise filosófica de Eduardo Lourenço e, nisso, constitui elemento precioso para o resgate cultural do seu pensamento hoje erigido em doutrina literária e não em prática crítica. Entenda-se: não se trata de um filósofo, ele que abdicou, por força da sua interpretação da História da Filosofia, de o ser. Trata-se de alguém que elaborou, e não só nestes anos de formação, um discurso sobre Portugal, a sua História e a sua identidade cultural, de um modo singular, de tipo *matrioshka* – um trânsito entre o quotidiano (a experiência histórica) e o imaginário (a mitologia identitária) sem mediação lógica (teórica), antes insistindo na alogicidade e na descontinuidade desse trânsito como chave para o compreender (a primeira epígrafe da Parte II do livro de Miguel Real sintetiza bem o que dizemos). Que o tenha feito sobretudo a partir da década de 1960, quando o cesurismo cultural (noção de Hermínio Martins aqui pertinente) começou a ser visível não apenas na Academia, explica em parte o seu sucesso num país como Portugal, em que a Universidade, desde essa década, supriu várias carências sociais e gerou a massa crítica de um Espaço Público moderno como nunca o tínhamos tido. Por isso, por maiores que sejam as reservas que, de um ponto de vista filosófico, se possa ter às associações de leibnizianismo e hegelianismo ou à concepção da Modernidade como processo de plenitude atéistica (numa argumentação a nosso ver contraditória), elas não podem ser matéria para reservas ao trabalho de Miguel Real mas ao de Eduardo Lourenço, aqui detidamente exposto.

4. Este ponto é relevante por a Obra de Eduardo Lourenço ser habitualmente vítima de leituras atrozes (como o próprio recentemente se queixou, cf. a sua intervenção em Crespo Andrade, org., *Revistas, Doutrinas e Ideias*, Livros Horizonte, 2003). E, tal como a Obra de Lourenço é aqui descrita e analisada mas não criticada, também tais leituras não são aqui contestadas. Mas se essas leituras atrozes são as mais numerosas, e se este trabalho

se enquadra num outro registo, o da exposição especializada, parece inevitável que o prosseguimento do trabalho sobre a Obra de Eduardo Lourenço, que Miguel Real empreende hoje, se encaminhe para o registo crítico que lhe conhecemos de trabalhos como o de 1998 e *A Geração de 90* (Campo das Letras, 2001). Isto porque a natureza polémica da intervenção crítica de Eduardo Lourenço, incidindo sobre os maiores nomes da cultura portuguesa (Sérgio, Pessoa, Régio, Gaspar Simões, neo-realismo, grupo da Filosofia Portuguesa) é por natureza gerador de problemas teóricos que não se deixam elidir pela actual aclamação generalizada. Mesmo nos casos em que a proximidade de posições foi frequente (pense-se em Sena, em Casais Monteiro, em Eduardo Prado Coelho) nunca Eduardo Lourenço se eximiu a marcar a sua distância e a sua diferença e, assim, também a descrição da sua Obra tenderá a enveredar por uma discussão não só de uma visão da cultura portuguesa mas pela discussão da própria actividade cultural em causa. E, de facto, não se vê ninguém em melhor posição para o fazer do que Miguel Real.

5. Quem duvide do que acima se escreve pode avaliar por si - e não apenas em *Os Anos da Formação*. Sem espanto, a Imprensa Nacional solicitou a Miguel Real que escrevesse *O Essencial sobre Eduardo Lourenço* (INCM, 2003) e a própria estruturação do trabalho (que parte do filosófico para o literário e, deste, passa a incidir sobre a historiografia cultural portuguesa em particular face à Europa) atesta o que afirmamos. Hesitando quanto à designação a dar a Lourenço (sábio ou pensador? A flutuação dos termos na Introdução deriva de uma distinção entre «crítico» e «teórico» a nosso ver improficua, mas isso é outra questão), Miguel Real nota como a sua afirmação como autor original se deveu à revisão da história da literatura portuguesa do século XX mas que isso foi apenas um passo no ensaio de análise cultural mais amplo, que se estende desde a Pintura à Política, dos *mass media* ao «benfiquismo nacional». Que tal passo tenha sido dado ao conferir uma teoria filosófica (a célebre «aventura ontológica negativa») que travejou a afirmação académica da «nova crítica» na década de 1960 e estabeleceu o actual cânone literário sobre os pretendentes anteriores (tanto o da Universidade conservadora como o do Presencismo e o do neo-realismo), é apenas sinal da centralidade da Obra de Eduardo Lourenço na história das ideias, e mesmo das instituições, do século XX português. Mais uma razão para se seguir com atenção a investigação de Miguel Real.

Carlos Leone  
(BD/FCT e Univ. Lusófona)

WIERCIAŃSKI, Andrzej, (Editor) *Between Suspicion and Sympathy. Paul Ricoeur's Unstable Equilibrium*, ed. The Hermeneutic Press, Toronto, 2003. (731 pp.)

No ano do nonagésimo aniversário daquele que é também o seu mais ilustre membro, em boa hora empreendeu o International Institute for Hermeneutics de Toronto, pela mão do Prof. A. Wierciński, a publicação da obra que aqui se apresenta, justa homenagem a um dos maiores, senão o maior, filósofo vivo. Após dois textos introdutórios da autoria do editor, breves mas úteis viagens pelas principais obras e temas da hermenêutica de Ricoeur, bem como pelos principais momentos dos próprios textos incluídos no volume, a obra organiza-se ao longo de cinco secções. Cada uma dessas secções agrupa um conjunto de ensaios em redor de um horizonte identificável no trabalho de Ricoeur: as influências e as leituras críticas; a hermenêutica da identidade; a hermenêutica do testemunho; o signo, o símbolo, a metáfora e a narrativa; a filosofia social e política.

A primeira secção inclui onze trabalhos que procuram analisar a hermenêutica ricoeuriana à luz dos fios das heranças da hermenêutica romântica, da fenomenologia